

## A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM DE UMA CRIANÇA SURDA: UMA REFLEXÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.

José Candido Freitas Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Entender o processo que uma criança surda passa na construção da sua linguagem é de total importância, sobre tudo para os profissionais que se dedicam ao ensino desse público. Esse artigo surge a partir da necessidade de se entender sobre o processo que a criança percorre até a aquisição da sua linguagem materna, tendo como luz, a análise da teoria de QUADROS (1997). Essa pesquisa delimita-se a partir da seguinte problemática: de acordo com as observações realizadas a uma criança surda em processo de alfabetização, e análises realizadas aos escritos de QUADROS, como é o processo de construção da linguagem de uma criança surda? Sendo norteadas pelos objetivos: Geral; analisar o processo de construção da linguagem de uma criança surda, a partir da teoria de Ronice Müller Quadros e observações realizadas. Específicos: 1) contrastar as ideias de QUADROS com outros autores da área; 2) relacionar a teoria estudada com observações a um aluno surdo em processo de aquisição da L1. Essa pesquisa é redigida com base nos princípios de uma pesquisa científica, com base em GIL (1999); CERVO; BERVIAN, (2002); DENCKER, (2000). Dos inúmeros resultados e contribuições obtidas, foi possível compreender através das observações realizadas e após as análises das teorias como o processo de aquisição da linguagem é de fato construído, percebendo as relações que a sociedade e o ambiente no qual o educando está inserido se interligam e influenciam nesse processo.

**Palavras-chave:** Aquisição da linguagem. Construção da Linguagem. Surdez.

### 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo trata-se de uma pesquisa produzida a partir de observações realizadas à uma criança surda em processo de construção da linguagem de sinais, a partir da análise da obra “Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. (1997)” de Ronice Müller de Quadros. Para que essa análise fosse feita, fez-se necessário a análise de outras obras e outros autores para que houvesse uma observação crítica sob a luz teórica de outros autores da obra em destaque.

A realização deste estudo aconteceu a partir da necessidade do pesquisador em entender como é o processo de construção da linguagem para um aluno surdo, essa curiosidade emergiu a partir das observações que foram realizadas com um aluno surdo em processo de alfabetização da instituição de ensino na qual pertencço. Entender esse processo de aquisição se faz muito importante, uma vez que, o pesquisador enquanto profissional responsável pela alfabetização de crianças surdas, carece de conhecimento sobre os processos internos de aprendizagem dos seus alunos, para que esse processo de ensino seja o mais

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia / UFRPE, Pós Graduando em Gestão Escolar / FAVENI. [candidofreitasls@gmail.com](mailto:candidofreitasls@gmail.com)

preciso e completo possível, pois, a partir de tal conhecimento, o profissional será capaz de traçar metodologias específicas para que essa aprendizagem ocorra.

Para Quadros (1997), é importante entendermos que no processo de aquisição da linguagem da pessoa surda, trabalhamos com duas linguagens, e que segundo ela há uma “necessidade de se conhecer as duas línguas envolvidas no processo educacional e o lugar que cada uma delas ocupa, considerando os fatores sociais, culturais e linguísticos. (p. 15). Dessa forma, precisamos entender que um aluno surdo convive inerentemente com duas línguas, a LIBRAS, que no Brasil deve ser tratado como a sua língua materna, (L1) e a língua portuguesa (L2), que deve ser aprendida a partir da compreensão da L1, como por exemplo, a aprendizagem do inglês, para os ouvintes. O que se configura como um desafio para surdos de pais ouvintes.

Considerar os aspectos sociais, culturais e linguísticos bem como a interação entre eles é muito importante, uma vez que “Vygotsky atribui enorme importância ao papel da interação-social no desenvolvimento do ser humano.” (REGO, 1995, p. 56). Essa afirmação, complementa o exposto no parágrafo anterior, uma vez que, se para Vygotsky é muito importante a interação entre o homem e o meio, e que é através dessa interação que o homem se desenvolve, não é diferente na aquisição da linguagem, dessa forma, podemos compreender que, o processo de construção da linguagem de uma criança surda com pais surdos é diferente da construção de uma criança que vive no meio de uma família de ouvintes.

Essa relação entre a família ouvinte, que naturalmente domina apenas a linguagem falada, e seu filho surdo, que encontra-se no processo de construção da comunicação tem causado incalculáveis prejuízos a educação das crianças surdas, uma vez que, a criança se encontra em um ambiente conflituoso, ela nem vai desenvolver a linguagem oral (materna dos seus pais), pois ela é surda, o que se configura anatomicamente impossível de acontecer, e também não vai desenvolver aquela que deveria ser sua linguagem materna – LIBRAS – pois, nesse meio familiar no qual ele está inserido não haverá os incentivos necessários para que ele desenvolva a linguagem de sinais, sendo assim, não haverá a correta interação e estímulos sociais que a criança necessita para o desenvolvimento da sua linguagem.

Esse conflito, fica bem expresso nas considerações que Sacks faz quando se refere ao oralismo:

O oralismo e a supressão do Sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral. Muitos dos surdos hoje em dia são iletrados funcionais. Um estudo realizado pelo Colégio Gallaudet em 1972 revelou que o nível médio de leitura dos graduados surdos de dezoito anos em escolas secundárias nos

Estados Unidos era equivalente apenas à quarta série: outro estudo, efetuado pelo psicólogo britânico R. Conrad, indica uma situação similar na Inglaterra, com os estudantes surdos, por ocasião da graduação, lendo no nível de crianças de nove anos (...). (SACKS, 1990, p. 45)

Dessa forma, o que tem acontecido é simplesmente uma ação retrógrada de que o surdo vai conseguir ser letrado em outra língua que não seja a sua materna, mas, como vemos, essa prática apenas contribui para o aumento de surdos iletrados.

Assim como define Silva (2006), toda pesquisa científica se delimita a partir de uma problemática, ou popularmente conhecida como “questão de pesquisa”, dessa forma, “toda pesquisa científica começa com uma dúvida teórica, que o pesquisador tentar entender e para qual, deve buscar uma solução” (SILVA, 2009). Para tanto, surgiu o seguinte questionamento: de acordo com as observações realizadas a uma criança surda em processo de alfabetização, e análises realizadas aos escritos de QUADROS (1997), como é o processo de construção da linguagem de uma criança surda?

Para que tal questionamento fosse respondido, definiu-se como objetivo geral: analisar o processo de construção da linguagem de uma criança surda, a partir da teoria de Ronice Müller Quadros e observações a ela realizadas. Para compreender tal obra, e para a realização desse estudo, foi preciso percorrer outros caminhos, esse percurso sintetizou-se como os objetivos específicos desta pesquisa, dos quais, temos: 1) contratar as ideias de QUADROS com outros autores da área; 2) relacionar a teoria estudada com observações a um aluno surdo em processo de aquisição da L1.

## **2. METODOLOGIA**

Toda pesquisa científica é regida e caracterizada de acordo com os métodos que nela foram utilizados. A utilização dos métodos científicos tende a dar teor científico a uma pesquisa. Desse modo, tendo como as teorias metodológicas de GIL (1999), podemos caracterizar essa pesquisa, em relação a sua natureza, como uma pesquisa de natureza básica, pois, nesse caso, tínhamos como objetivo a produção de um conhecimento, para assim, satisfazer a necessidade intelectual do saber (CERVO; BERVIAN, 2002), gerado a partir da problemática adotada nesta pesquisa.

Quanto à abordagem da nossa problemática, essa pesquisa se enquadra nas descrições de Gil (1999), para uma pesquisa qualitativa, pois prezamos pela qualidade dos dados obtidos. Em relação a realização dos nossos objetivos, se enquadra no estabelecido por DENCKER (2000), para uma pesquisa descritiva, pois, nosso objetivo era descrever tal fenômeno. De

acordo com os procedimentos técnicos de coleta de dados, se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, pois a maioria dos nossos dados foram coletados a partir da análise de materiais já publicados (GIL, 1999), com evidências de uma pesquisa participante (DENCKER, 200).

Para a realização dessa pesquisa, ela foi dividida em quatro etapas, na primeira etapa houve a delimitação do tema de pesquisa, definição dos objetos, formulação da problemática e escolha do título da pesquisa. Na segunda etapa, fora produzido o referencial teórico da pesquisa, para essa etapa foram utilizados a internet, para a realização de pesquisas em sites e periódicos, com o objetivo de angariar conhecimento sobre o tema pesquisado, bem como, escrever a seção do referencial teórico, partes da introdução e dos resultados e discussões.

Na terceira etapa, aconteceu as observações participantes com um aluno surdo durante as os acompanhamentos pedagógicos, realizados de segunda a quinta-feira, durante os meses de julho a outubro. as observações participantes tiveram objetivo de coletar dados sobre o processo construção da sua linguagem, uma vez que a criança demonstrava altos índices incompreensão em relação a linguagem de sinais. Na última sessão, houve uma análise qualitativa dos dados e referencial coletado, para assim, iniciar o processo de redação deste trabalho.

### **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

Para toda pesquisa científica, se faz necessário um diálogo teórico entre os principais autores que estudaram sobre o tema em questão, dessa forma, foi organizado essa seção para que houvesse uma contextualização acerca dos temas abordados nessa pesquisa, esse conhecimento se faz necessário para que pudéssemos compreender e ter domínio sobre esses assuntos, para assim, compreender todo o processo envolvido nessa pesquisa.

Para compreendermos sobre a o processo de aquisição da linguagem da pessoa surda no Brasil, é necessário fazermos um pequeno percurso sobre as propostas educacionais que foram implementadas em nosso país em relação à educação de surdos.

#### **3.1. Oralismo, bimodalismo e bilinguismo como proposta educacional para as pessoas surdas.**

Quadros, propõe que o contexto da educação de surdos no Brasil pode ser compreendido é dividido em três fases, em suas palavras “as duas primeiras fases constituem grande parte da história da educação de surdos no Brasil [...] e a terceira fase, a atual, se configura como um processo de transição (1997, p. 20, 26).

As duas primeiras fases são conhecidas como a fase do oralismo e a do bimodalismo, respectivamente. Na primeira fase, definida por Couto, (1988), constitui-se por uma proposta educacional oralista, infelizmente, essa proposta educacional para os surdos prevaleceu por muito tempo, apresentando resquícios de sua existência até os dias atuais, essa proposta, baseia-se na “recuperação da pessoa surda, chamada de deficiente auditivo” (QUADROS, 1997, p. 22). Podemos, de início já imaginar a quão dolorosa foi essa fase, um período em que se buscava não a alfabetização da pessoa surda, mas sim, sua recuperação, como se a pessoa estivesse com uma doença ou com problema que poderia ser resolvida ou curada através da repetição de palavras, mas sabemos que a surdez vai além disso, e jamais pode ser tratada com ares de recuperação.

Lenzi, faz uma observação instigante sobre essa prática, vejamos:

(...) os surdos, como seres humanos que são, possuem também, essa capacidade, o que explica sua possibilidade de adquirir a língua falada em seu país. Desenvolvendo a função auditiva e dispondo dessa capacidade inata, o surdo precisa receber a linguagem de maneira natural, como acontece com a criança que ouve. (LENZI, 1995, p. 44).

A partir dessa reflexão, QUADROS traz os seguintes questionamentos: “é possível o surdo adquirir de forma natural a língua falada, como acontece com a criança que houve?” (1997, p. 22). Bem sabemos que é impossível que esse processo aconteça, e é totalmente errôneo, crer que uma pessoa surda possa aprender a linguagem oral de forma natural, como apontamos anteriormente, é anatomicamente impossível que isso ocorra, já é complicado para uma criança surda aprender a LIBRAS de forma natural, quiçá, aprender uma linguagem totalmente dependente da audição.

Um dos resquícios deixados pela proposta oralista é o grande número de surdas iletradas que temos na sociedade atualmente, uma vez que a busca incansável pela recuperação da pessoa surda e transformá-la em um ser “falante” acabou por deixar de lado o que realmente importava, A EDUCAÇÃO DA PESSOA SURDA, o que ocasionou, um aproveitamento escolar deplorável, como caracteriza o FENEIS (1995):

Através de pesquisa realizada por profissionais da PUC-Paraná em convênio com o CENESP (Centro Nacional de Educação Especial) publicado em 1986 em Curitiba, constatou-se que o surdo apresenta muitas dificuldades em relação aos pré-requisitos quanto a escolaridade, e 74% não chega a concluir o 1º grau. Segundo o FENEIS, o Brasil tem aproximadamente 5% da população surda total estudando em universidades e a maioria é incapaz de lidar com o português escrito. (FENEIS, 1995, p 07).

## QUADROS complementa:

Outro problema da proposta oralista está relacionado à questão da aquisição da língua oral. Pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos (Duffy, 1987) constataram que, apesar do investimento de anos de vida de uma criança surda na sua oralização, ela é capaz de captar, através da leitura labial, cerca de 20% da mensagem, além disso, sua produção oral, normalmente não é compreendida por pessoas que não convivem com ela (1997, p. 23)

Através desses dados, podemos perceber o tamanho da incógnita que a comunidade surda foi submetida durante esse período. Agora imaginamos o qual doloroso, psicologicamente deveria ser esse processo, ser privado da aprendizagem da sua língua materna em troca de uma proposta educacional que era sem dúvidas irrelevante para a comunidade surda, e que de nada os servia, pois, de acordo com as citações acima, mesmo que uma pessoa se dedique boa parte da sua vida para aprender a oralizar, pouco seria sua aprendizagem, e na maioria das vezes os únicos que iriam entender essa “oralização” seria as pessoas que pertencem ao seu convívio diário, ou seja, apenas as pessoas mais próximas seriam capazes de entender essa comunicação.

Outro aspecto que se faz importante ser mencionado, é que na proposta oralista simplesmente é desconsiderada as questões relacionadas à cultura e a sociedade surda (QUADROS, 1997, 23). Então, não é apenas as questões linguísticas que são deixadas de lado com essa proposta, as questões sociais e culturais da pessoa surda também são desconsideradas, mas uma prova de que essa proposta apenas estava preocupada em tornar o surdo “oralizante”.

Na segunda fase, temos o que bimodalismo, que passa a ser caracterizado como “a melhor alternativa de ensino para o surdo” (QUADROS, 1997), essa nova proposta tem o objetivo de unir os sinais e a fala, em uma prática multimodal, como explica Sacks:

Há uma compreensão de que algo deve ser feito diante do oralismo, mas o quê? Tipicamente usando os sinais e a fala, permita que os surdos se tornem eficientes nos dois. Há outra sugestão de compromisso, contendo uma profunda confusão: uma linguagem intermediária entre o inglês e o sinal, ou seja, (ou seja, o Inglês Sinalizado). Essa confusão vem de longa data – remonta aos “sinais remotos” de De l’Epée, que foram uma tentativa de expressão intermediária entre o francês e o Sinal. Mas (...) não é possível efetuar a transliteração de uma língua falada em Sinal palavra por palavra, ou frase por frases – as estruturas são essencialmente diferentes. Imagina-se com frequência, vagamente que a língua de sinais e inglês ou francês: não é nada disso: ela é própria, Sinal. Portanto o “Inglês Sinalizado”, agora favorecido como um compromisso, é desnecessário, pois não precisa de nenhuma pseudolíngua intermediária. E, no entanto, os surdos são obrigados

a aprender os sinais não para ideias e ações que querem expressar, mas pelos sons fonéticos em inglês que não podem ouvir. (SACKS, 1990, p. 47)

Dessa forma, podemos compreender essa fase como uma integração entre o português sinalizado da fase anterior, com a introdução de sinais simultâneos, ou seja, essa perspectiva vê a aquisição da linguagem do surdo como um misto de coisa, que ao mesmo tempo em que ele pode dominar sua língua materna, ele também pode dominar uma língua secundária, que no caso do Brasil seria o português, é um desafio e tanto não?

Podemos analisar que seria um processo cheio de equívocos, levando em consideração que as duas línguas possuem um sistema de regras definidos e estruturados, misturar as duas linguagens seria algo equivocado, o que aconteceria era que a criança surda não iria desenvolver nenhuma das duas com êxito. Duffy (1987) ainda complementa dizendo que o uso desse “sistema de sinais artificiais” é usado para negar à criança surda a oportunidade de desenvolver a sua língua materna, extraíndo dela o direito que ela tem de desenvolver sua língua materna.

QUADROS (1997) suponha que essas duas fases ainda não passaram totalmente, ela acredita que ainda hoje, nas escolas brasileiras, a prática do oralismo e do bimodalismo ainda são desenvolvidas, o que significa que ainda temos muito o que avançar quando se trata em educação da comunidade surda. Porém, algo vem aflorando na comunidade, e assim se inicia e se desenvolve a terceira fase, que estamos vivenciando nos dias de hoje, uma proposta educacional pautada no desenvolvimento do bilinguismo.

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõe a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural, e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997, p.27)

A proposta do bilinguismo realmente é a proposta educacional que tem mais chances de sanar os problemas educacionais que a comunidade surda vem enfrentando, podemos notar a diferença entre as outras fases é que ela parte do pressuposto que a LIBRAS é sim a língua materna do surdo, e que a aprendizagem de uma nova linguagem parte a partir deste, o que víamos nas outras era uma tentativa falha de oralizar o surdo, partindo a partir da ideia de que ele deveria conhecer primeiro o português, para aí aprender a língua de sinais.

A partir do momento que uma proposta considera a LIBRAS como língua nativa, ela considera também a subjetividade do seu usuário, ela libera aquele que estava preso nas

sombras da aprendizagem de uma língua oralizada que pra ele não servia de nada. A Libras é uma língua autêntica, carregada de lutas e sobretudo de representação, reconhecê-la como língua materna, reconhece também o surdo como um ser detentor de uma cultura muito rica.

### **3.2. Principais abordagens sobre a AL.**

Como vimos anteriormente, QUADROS (1997, p. 68) defende que a LI da criança surda no Brasil desse ser LIBRAS, e que a língua portuguesa deve ser ensinada a partir da compreensão da LI, segundo o autor, essa razão dessa afirmação está “relacionada com as condições físicas das pessoas surdas (p.68)”. Podemos compreender que a língua portuguesa é uma língua oral e aditiva, o que necessita da capacidade anatômica de falar e escutar para a sua total compressão e aquisição. Dessa forma, destacaremos as três principais abordagens relacionadas a esse processo.

Em resumo, as três abordagens trazem aspectos sobre o processo de aquisição da linguagem de um modo geral, por um lado temos a Abordagem Comportamentalista, defendida por Skinner, (1957), trazendo em suas premissas básicas o interesse pelos aspectos observáveis e mensuráveis do comportamento, a relação entre estímulos e respostas e o enfoque na performance e não nas habilidades. A outra abordagem, defendida por Chomsky (1957), é a Abordagem Linguística, que considera a linguagem em quatro dimensões, I) “a linguagem como tendo uma gramática e uma estrutura”, II) a “linguagem como um processo de descobertas das regularidades das regras das línguas”, III) a “linguagem como uma característica da espécie humana, com base na genética” e IV) “determinação da existência de um dispositivo específico para a aquisição da linguagem”. Por último temos a Abordagem Interacionista, dividida em dois enfoques, os aspectos cognitivos (Piaget) e os sociointeracionistas (Vigotsky).

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Essa seção tem como objetivo relacionar uma parte da teoria de QUADROS (1997), com as observações realizadas pelo pesquisador a um aluno surdo que se encontra em processo de alfabetização.

Acompanhar o processo de construção da linguagem de uma criança surda é deveras uma tarefa sublime, como sabemos, o processo de aquisição da linguagem de uma pessoa surda é uma fase de certa forma complexa e lenta. Essa criança pode se desenvolver rápido em alguns casos, porém, por outro lado, há casos em que esse processo é demorado e árduo,

sobretudo para os casos em que a criança pertença a uma família com 100% de pessoas ouvintes.

O ambiente em que a criança vive é de total importância e influencia diretamente esse processo, como estabelece Quadros (1997, p. 68), o ambiente em que ela vive é responsável por gerar estímulos quanto ao desenvolvimento da fala, como acontece naturalmente com um bebê em processo de aquisição da fala, porém, no caso de uma criança surda, esses estímulos vindos do ambiente (família) de certa forma acontecem, porém, sem respostas por parte da criança surda.

De acordo com a abordagem interacionista, (QUADROS, 1997, p. 68), esse processo é dividido em dois enfoques: o enfoque social, e o cognitivista. O cognitivista, focado na teoria de Piaget, enfatiza as estruturas internas como “determinantes do comportamento”, esse enfoque considera que a linguagem é meramente parte do desenvolvimento cognitivo da criança.

Nesse caso, de acordo com esse enfoque, observamos que para QUADROS, o fator ambiente familiar em que a criança está inserida é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo da criança, sim, de fato é um fato verdadeiro. De acordo com as observações realizadas, podemos em certo ponto divergir desse contexto, uma vez que foi possível perceber o esforço do ambiente no processo de aquisição da linguagem da criança, mas, foi possível observar também que, essa interação da família foi responsável pela criação de um sistema de sinais próprios que a criança usa para se comunicar com seus parentes.

Podemos compreender então, que por mais que a família ou ambiente social no qual o aluno está inserido se esforce para que a criança surda adquira a sua língua materna, nada vai acontecer se a família não for capacitada para tal, afinal, como uma pessoa surda pode ensinar uma criança a falar, se a própria pessoa não possui o domínio da linguagem oral? Trazendo para a realidade da criança surda, como é possível que uma criança surda aprenda a sinalizar no meio de uma família em que ninguém domina a LIBRAS? De acordo com as observações que foram realizadas, pude observar a criação de uma sinalização gerada a partir da necessidade desesperada de uma família em se comunicar com a criança.

O segundo enfoque, baseada na teoria de Vygotsky, fala sobre as relações sociointeracionistas, enfatizando o “papel do ambiente na produção da estrutura da linguagem, e que essas regras gramaticais são desenvolvidas a partir de associações e memorização do contexto social (QUADROS, 1997, p. 68). Dessa forma, relacionando com as observações realizadas, é importante chamar atenção para a importância do contexto social em que a criança está inserida. De acordo com as observações realizadas, foi possível

compreender que a família se esforçava para se comunicar com a criança, ao longo do desenvolvimento da criança, foram se construindo sinais e formas de comunicação entre eles, de fato, há uma comunicação, válida, em sua maioria apenas para o convívio familiar.

Após o início dos acampamentos pedagógicos, observou-se que a criança, ao ter contato com a LIBRAS, viu em sua frente um mundo de possibilidades e que ele poderia construir a partir dos sinais uma comunicação que sairia das fronteiras da sua casa, podendo se comunicar com todos ao seu redor.

Observou-se que a partir dessa nova interação da criança surda com um novo ambiente, capacitado e preparado para recebê-lo, ou seja, um ambiente no qual ele poderia ser quem ele realmente era, fazendo seus sinais da forma como ele sabia, expressando e mostrando aquilo que ele dominava a criança começou a se desenvolver de forma satisfatória. Vale destacar, que, no início das aulas e do acompanhamento pedagógico, o aluno já com 12 anos de idade, e no 5º ano do ensino fundamental, não conhecia sinais básicos, como seu nome por exemplo.

Ao longo desses meses de acompanhamento, o aluno já deu os seus primeiros passos na construção e na aquisição da linguagem, já aprendeu os sinais mais básicos da comunicação e já consegue se comunicar com outras crianças surdas, durante esses meses ele já domina os sinais mais essenciais, como os de nome, letras do alfabeto, números, saudações, frutas, etc.

Outro fator de destaque na evolução, e no quesito social, é nítido a evolução que o aluno apresenta em apenas quatro meses de acompanhamento, seus hábitos sociais melhoraram, sua timidez deu espaço a uma criança que se expressa, que sai de casa para brincar com outras crianças e que tem uma comunicação melhor com seus familiares. Outro fator interessante também é na evolução no quesito escolar, antes das observações o aluno não gostava de estudar, e frequentava as aulas por obrigação e pressão social, tornando um ambiente contrario ao que deve ser um ambiente educacional. Porém, agora, durante o acompanhamento é nítido a sua vontade e cede de aprender cada vez mais.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A realização dessa pesquisa trouxe grandes contribuições para o conhecimento e desenvolvimento do pesquisador, compreender o processo de construção processo de comunicação, com foco na aquisição da linguagem é um processo muito interessante, principalmente quando essa aprendizagem sai dos vieses teóricos e vão para o ambiente

prático, pois permite fazer esse elo entre a teoria e prática, confrontando-a com a realidade e descobrindo pontos de divergência e convergência.

Estudar a teoria de QUADROS (1997) foi algo muito importante, a partir dela pude compreender que o processo de aquisição da linguagem de uma pessoa surda difere em diversos fatores do de uma pessoa que oraliza, e que esse processo – no surdo – não depende só dele, mas sim da interação que ele recebe do convívio social no qual ele está inserido, e que é a partir dessas relações de interação que seu processo de desenvolvimento se inicia, ressaltando também que os ambientes de convívio influenciam positivamente e negativamente esse processo.

Afirmo, ainda, que o processo de construção da linguagem de uma criança surda, não é construído de um dia para o outro, tampouco em três meses, se paramos para analisar, uma criança ouvinte por volta dos seus 18 meses de vida possui em seu vocabulário entre 50 a 200 palavras, sendo assim, com uma criança surda é ainda mais demorado. Ressalvo, que, para uma criança surda com 12 anos de idade, esse processo é ainda mais demorado e por muitos momentos, doloroso. Nesses casos, como aponta QUADROS (1997), por inúmeras vezes, seu processo de construção depende de diversos fatores, estágios e abordagens, de acordo com as observações realizadas, aponto ainda que esse processo de aquisição da linguagem deve ser rodeado de estímulos sociais, de pessoas capacitadas para abrir as portas do conhecimento para esse educando, mostrando a ele uma nova língua cheia de possibilidades e afeto.

Sobre tudo, o processo de construção da linguagem para uma criança surda deve ser o fruto de uma união entre a família, a escola e de toda a sociedade, com um único objetivo: de acolher e dar suporte a tantas crianças surdas, que se encontram em processo de alfabetização, para que elas se sintam acolhidas, amadas e sobre tudo respeitadas, para que elas se sintam iguais, mesmo com suas diferenças e particularidade. Ressalto também a importância sobre a relação entre o professor e o aluno, uma vez que essa relação está diretamente relacionada com esse processo, onde cabe ao professor, acolher e incentivar para que seus alunos alcancem os seus objetivos.

Portanto, ressalto a importância da união e do incentivo da família para com o processo de aquisição da linguagem de uma criança surda, e que para todas as vertentes a um melhor caminho, muitas das vezes, esses caminhos são repletos de desafios, que se intensificam pelo fato da criança ser surda em meio a uma comunidade de ouvintes, por isso o apoio familiar é tão importante e decisivo para esse processo. Negar a aprendizagem da LIBRAS para um surdo, é negar o conhecimento dele mesmo, é privá-lo de crescer como a criança normal que ela é, detentora de uma vida cheia de significados e histórias.

## REFERÊNCIAS

- CERVO, Amado.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- COUTO, Álpia. **Como posso falar**. Rio de Janeiro, 1988.
- DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisas em turismo**. 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.
- DUFFY, J. T. *Ten reasons for allowing deaf children exposure to american sign language*. 1987.
- FENEIS, LIBRAS – **Língua brasileira de sinais**. Belo Horizonte. 1995.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LENZI, Alpia F. C. O. O método Perdoncini. In **Surdez: abordagem geral**. (org. Stribel, K.L.e Dias, S.M.S.). Curitiba: FENEIS. 1995
- QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. v. 1. 126p.
- SACKS, O. **Vendo Vozes**. Rio de Janeiro: Imago. 1990.
- REGO, T. C. **Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.